

“TUDO NA BASE DO BOMBRILHO”¹: PRODUÇÕES SONORAS EXPERIMENTAIS COM DEFICIENTES VISUAIS E PESSOAS COM TRANSTORNO MENTAL²

Graziela Valadares Gomes de Mello Vianna

Doutora em Comunicação pela ECA- USP com bolsa sanduíche no Centre de Sociologie de L'innovation (Paris) é professora do Departamento de Comunicação Social da UFMG.

Resumo

O presente artigo pretende descrever a experiência de uma oficina de linguagem sonora ministrada a cegos e pessoas com transtorno mental. O objetivo da oficina foi trabalhar com o potencial expressivo da linguagem sonora como forma de inclusão, incentivando os participantes a fazerem uso de tal potencial em produções radiofônicas com formato livre. Tal oficina faz parte das atividades extensionistas do projeto de pesquisa e extensão Propaganda Educativa Radiofônica desenvolvido no departamento de Comunicação da UFMG. Nesse relato, apresentamos a metodologia utilizada na oficina, a experiência coletiva e individual dos participantes e a descrição de algumas produções sonoras resultantes da experiência.

Palavras-chave: linguagem sonora; transtorno mental, deficientes visuais.

Resumen

En este trabajo se describe la experiencia de un lenguaje sonoro taller enseña a los ciegos y las personas con trastorno mental. El objetivo del taller era trabajar con las posibilidades expresivas del lenguaje sonoro como medio de inclusión, animando a los participantes a hacer uso de este potencial en producciones de radio con formato libre. Este taller forma parte de las actividades de extensión del proyecto de investigación y extensión en el lenguaje radiofónico desarrollado en el departamento de comunicación de la universidad en la que trabajan los autores. En este informe, se presenta la metodología utilizada en el taller, la experiencia individual y colectiva de los participantes y la descripción de algunas producciones sonoras que resultan de la experiencia.

Palabras clave: lenguaje sonoro, trastorno mental, discapacidad visual.

Abstract

This paper describes the experience of a workshop sound language taught to the blind and people with mental disorder. The purpose of the workshop was to work with the expressive potential of sound language as a possibility of inclusion, encouraging participants to make use of this potential in radio productions with free format. This workshop is part of the extension activities of the research project and extension about radio language developed in the Department of Communication at the university where the authors are located. In this report, we present the methodology used in the workshop, the collective and individual experience of the participants and description of some sound productions resulting from this experience.

Keywords: sound language, mental disorder, blind people.

1. Apresentação do projeto

Apresentamos aqui a nossa experiência em uma oficina de linguagem sonora ministrada a pessoas com transtorno mental e pessoas com deficiência visual. Tal oficina faz parte do projeto de pesquisa e extensão Propaganda Educativa Radiofônica desenvolvido atualmente no âmbito do departamento de Comunicação da universidade em que atuamos. Esse projeto busca compreender o potencial expressivo da linguagem sonora, tendo como objeto de análise campanhas educativas veiculadas no rádio a fim de compreender a potencialidade de sentido dos elementos sonoros (performance da voz, efeitos sonoros, trilha musical, silêncio e tratamento técnico).

A propaganda no rádio é uma produção simbólica que, por meio de uma mensagem unisensorial, vale-se de elementos sonoros na tentativa de fazer uma associação com imagens e lembranças que constituem o repertório do ouvinte. O rádio pode, a partir dos elementos sonoros, sugerir uma profusão de sentidos pois, como defende Richard (1985, p. 2)³,

utilizar uma escritura radiofônica eficaz seria fazer uso de todos os meios de expressão tecnicamente possíveis como artifícios para criar a ilusão de corpos, objetos e de aparências e para persuadir sobre a sua existência, sua realidade. Essa persuasão torna-se possível pelos poderes de sugestão da imagem sonora. A audição, o único sentido solicitado (pelo rádio) é levado a suprir os demais sentidos da percepção.

Ao se associar ao repertório do ouvinte, o discurso radiofônico pode sugerir imagens multisensoriais permitindo assim a inclusão de pessoas com deficiência de vários tipos, tanto assumindo o lugar de produtores de uma mensagem radiofônica tanto como ouvintes da mesma ao utilizar uma linguagem que, ainda que seja unisensorial, sugere sentidos diversos como cores, sabores, cheiros. Sendo assim, após a análise das campanhas, desenvolvemos atividades extensionistas direcionadas a esse público específico. A oferta de oficinas gratuitas à comunidade tem como objetivo principal apresentar a linguagem sonora como meio de expressão e, conseqüentemente, de inclusão.

2. A organização da oficina

Em dezembro de 2011, o grupo formado por três alunos bolsistas do curso de graduação de Comunicação Social e pela professora coordenadora do projeto, começou a estabelecer contatos com o ex-presidente da Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária, a ABRAÇO-MG, José Guilherme Castro, um dos responsáveis pelo Ponto de Cultura Talentos Especiais. A partir de conversas por email e reuniões na sede do Ponto de Cultura, discutimos a ideia de se oferecer oficinas para um público que, segundo José Guilherme, estava se interessando pelo assunto.

Portanto, a partir das reuniões realizadas no Ponto de Cultura, pensamos em ofertar uma oficina de radiodramaturgia a “incomuns” (denominação utilizada pela organização do Ponto de Cultura) do Instituto São Rafael ⁴e dos Centros de Convivência da rede municipal de saúde mental de Belo Horizonte com os quais o Ponto de Cultura Talentos Especiais tem contato.

A oficina teve como objetivos específicos tratar do potencial expressivo dos elementos sonoros (performance da voz, efeitos sonoros, trilha musical, silêncio e tratamento técnico), da dramaturgia no rádio (em radionovelas, em peças publicitárias e campanhas educativas)

e apresentar técnicas de produção para o rádio que utilizem a radiodramaturgia, fazendo uso desse potencial.

Depois de três meses das primeiras reuniões, o lugar que receberia a oficina foi acertado. Na sede do Sindicato dos Trabalhadores do Poder Judiciário Federal no Estado de Minas Gerais, o SITRAEMG, onde é mantido um estúdio de rádio que produz conteúdo para a *webradio* do sindicato⁵. A escolha da sede do SITRAEMG se deu por dois motivos. A primeira razão da escolha foi a localização. Uma vez que o SITRAEMG se situa em uma região central de Belo Horizonte com várias linhas de ônibus, o acesso dos participantes foi assim mais fácil do que o deslocamento ao Campus, situado em um bairro distante do centro da cidade. A escolha também se justifica pela parceria que já era mantida anteriormente entre o sindicato e o Ponto de Cultura Talentos Especiais. Parceria essa que permitiu não apenas a utilização das instalações do SITRAEMG, incluindo auditório para ministrar a oficina e o estúdio de rádio, mas ainda a veiculação das produções desenvolvidas na oficina na *webradio* do sindicato, permitindo assim uma maior visibilidade dos participantes.

A oficina - como uma duração de 16 horas/aula ministradas durante 4 dias no turno da tarde - teve em torno de 15 pessoas com transtorno mental e deficientes visuais como participantes. A proposta era de estimular uma postura diferente em relação a escuta de rádio e trabalhar com o potencial criativo deles a partir da linguagem sonora. Os participantes foram convidados a desenvolver produções sonoras livres a serem veiculadas em emissoras comunitárias ou colocadas em circulação na internet. Para tanto, a metodologia utilizada foi, inicialmente, uma aula expositiva dialogada com a exibição de material sonoro, a fim de ampliar o repertório dos participantes. No segundo encontro, uma aula prática com noções de roteirização a partir das propostas de produção trazidas pelos participantes. O terceiro encontro foi dedicado à gravação das produções e, finalmente, o quarto e último encontro, à edição dos programas, exibição dos mesmos e uma breve roda de avaliação da oficina.

3. O desenvolvimento da oficina

Inicialmente, fizemos uso de uma exposição dialogada em que exemplos sonoros pontuavam o que era dito sobre a linguagem radiofônica. Noções básicas de sonoplastia, como aqueles sons de trovão feitos com chapas ou papel, galopes de cavalo com batidas ritmadas das mãos no peito, chuva com plástico amassado ou efeitos de computador prendiam a atenção dos participantes. Curiosos pelo momento de “colocar a mão na massa”, sempre surgia uma pergunta do tipo “a gente vai fazer uma radionovela assim?” ou “eu quero gravar algumas músicas que eu compus, pode?”

Essa ansiedade de primeiro dia diminuiu quando eles, por exemplo, ouviram uma propaganda engraçada que anunciava uma marca de açúcar refinado com uma radionovela ou uma brincadeira que a rádio BBC Brasil fez de “noticiar” o nascimento do menino Jesus em capítulos. Durante o lanche no intervalo da oficina, alguns perguntavam se a gravação deles seria ouvida por todo mundo, se poderiam contar histórias que viveram etc. Mesmo sem a garantia de que as produções seriam de fato veiculadas na rádio, eles se animaram muito.

O esquema de encontros entre os meses de março e abril de 2012. O horário de 14 horas era adequado para o deslocamento de todos. Com o trânsito mais tranquilo e os esforços do José Guilherme para que a turma chegasse bem, nós esperávamos um pouco e logo começávamos.

Depois de algumas conversas de aproximação, os participantes foram estimulados a desenvolverem roteiros de produções sonoras em que pudessem expressar o que sentiam, contar histórias que viveram, cantar e gravar músicas e desenvolver radionovelas. Enfim, a ideia era de não prender em um formato e deixá-los livres para criar de acordo com suas subjetividades.

Para facilitar a produção e também proporcionar mais interação entre eles, a turma foi dividida em grupos. Com as ideias já mais organizadas, eles começaram a pensar na forma de executar. “Ah, você grava o barulho da geladeira?”, “Eu trago o violão no próximo encontro?”, “Eu tenho instrumentos de percussão, vou trazer”. Nos encontros que se seguiram, eles foram se aproximando da proposta de usar o potencial expressivo da linguagem sonora. Linguagem em que um único sentido da percepção – a audição – abre um campo de possibilidades, de novos sentidos, de novas sensações multisensoriais.

Surgiram então propostas de produções diversas: uma radionovela, uma poesia sonora, canções e ainda um programa educativo que orientasse as pessoas a lidar com as necessidades de deficientes visuais. Um grupo fez uma peça sonora intitulada “O Louco Percurso Sonoro da Lucidez” e recontou uma história de um integrante. Decidimos, como já colocamos, não exigir um padrão de roteiro comum a todos a fim que os participantes tivessem liberdade de criação.

Apesar da limitação do horário de término das oficinas, dividindo a turma de participantes em grupos (salvo dois dos participantes que fizeram trabalhos individuais) foi possível realizar todas as gravações das propostas apresentadas, da forma como tinham sido concebidas pelos grupos. Gravamos as locuções realizadas pelos próprios participantes, as entrevistas, as vozes cantadas e os instrumentos musicais, os efeitos sonoros, as vinhetas de abertura e encerramento no estúdio, sempre com a participação entusiasmada de todos.

Traçaremos a seguir o perfil de dois participantes a fim de olhar mais de perto para experiência da oficina e a apropriação individual dessa experiência. O primeiro deles é Itamar, usuário dos centros de convivência municipais de saúde mental. O segundo perfil apresentado é de Raimundo, um dos fundadores do Ponto de Cultura Talentos Especiais, que fez seu trabalho com Gleice, ambos deficientes visuais.

3.1 Itamar

Talvez a pessoa que mais chamou a nossa atenção. Com um sotaque que carregava o som do *r* nas palavras, ele dizia e logo repetia como que para reforçar para a gente as ideias que tinha. Usava o termo “bom brilho” em cada construção de pensamento que fazia. Em uma frase simples era comum que ele terminasse dizendo “bom brilhão pra você”.

Seus olhos de um azul claro poucas vezes se mostravam desatentos. Estava a todo momento pronto para um comentário. E essas inserções nem sempre eram comedidas. Em alguns momentos, quando no meio de uma fala aparecia a palavra “Jesus” ou “Deus”, ele fazia uma interrupção brusca. Em um tom alto nos corrigia quanto ao nome de Jesus, que para ele era “Yohusha”. O assunto religião como um todo era bem polêmico quando ele estava por perto.

Itamar reforçava que as religiões arruinaram com o mundo, desorganizaram seu equilíbrio de formação, criaram ódios que não existiam sem elas. Junto a esse tema ele emendava com a questão da reforma agrária, que para ele era urgente e, mesmo que tardiamente, e essencial para uma vida igualitária.

Na sua produção sonora, ele resolveu levar um violão e gravar músicas ele compôs, algumas versões de canções de sucesso. Nas suas versões, cujas letras registradas à mão e organizadas em uma pasta que ele levava sempre para as oficinas, ele dizia “corrigir” as canções. Dentre as escolhidas, uma era adaptação do Hino Nacional Brasileiro que desta vez começava com assobios e trazia no refrão um verso que fazia todo o sentido depois que se conhecia um pouco da figura de Itamar e das questões que o rondavam. Na letra, ele cantava que vivíamos em uma “pátria brilhada” e que o nosso país deveria se tornar “um jardim reforma agrária de Yohusha”.

Sempre curioso por essa parte mais prática da oficina, nos perguntava se ao gravar as suas músicas ele ficaria famoso, se todo mundo ia ouvir no rádio e se ele ganharia um CD com elas no final, para poder divulgar mais. Mesmo a gente não tendo todas as respostas para as suas questões, ele não se interessava muito por elas. Para Itamar o mais importante era perguntar.

3.2 Raimundo

Nas oficinas, também tivemos a presença de alguns deficientes visuais. Raimundo da Silva se destacou pelo seu interesse já manifesto pelo rádio, que o conduziu para a fundação da Rádio Constelação em parceria com outro cego. Hoje, a emissora que era livre, está fora do ar por falta de concessão para funcionamento. Suas intervenções vinham sempre no sentido de pontuar sua experiência com a linguagem radiofônica e ressaltar a potencialidade do som para as pessoas que primordialmente o utilizam para se portar no mundo.

Na sua produção final, Raimundo em parceria com Gleice - também deficiente visual - focalizou o tema da deficiência visual. Juntos, decidiram fazer um programa educativo, que se iniciava com uma pequena explicação sobre o que significa a sigla PCD - Pessoas com Deficiência e logo na sequência foram às ruas colher dúvidas a respeito da questão.

Uma pessoa abordada, por exemplo, não sabia como ajudar um deficiente a atravessar a rua. Raimundo contou que muitas pessoas, por não saberem o que seria mais adequado, já o pegaram pela gola ou pela manga da camisa e o arrastaram. A partir de sua vivência, ele buscou instruir no programa que produziu sobre como agir : ao ver um cego esperando no meio-fio, deve-se chegar perto e primeiramente perguntar se ele deseja a ajuda. Caso sim, dê o antebraço para ele segurar e fique sempre ao seu lado para que ele possa se guiar pelos seus movimentos. Chegando do outro lado, oriente-o na direção que ela quer seguir.

Outra pessoa queria saber como os deficientes visuais lidam com a tecnologia. Raimundo conta então sobre os celulares equipados com um programa que lê as mensagens e as horas, além dos programas no computador. Segundo ele, no banco há um programa no caixa 24h que foi uma ideia dele: após um cadastro e com o uso de fones de ouvido, o deficiente visual pode ter acesso aos seus dados monetários.

Para fechar o programa, a dupla encerrava com uma mensagem sobre as dificuldades de quem não tem a visão, e que justamente por isso precisam da colaboração carinhosa das outras pessoas. Além disso, sublinharam que os potenciais de todas as pessoas precisam de um olhar atento para serem descobertos.

4. Impressões finais

Lidar com o outro é sempre um desafio. Por mais que o outro seja nosso semelhante, o outro é sempre diferente. Vivências outras diferem o outro de nós mesmos. A tarefa de um educador , portanto, é sempre o desafio cotidiano de lidar com o outro em um processo intersubjetivo tensionado pela existência do outro. Quando esse outro é incomum, como sugeria a organização do Ponto de Cultura, esse desafio parecia, a princípio, ser ainda maior. Surgiam questões sobre a metodologia a ser utilizada, sobre o material a ser apresentado, como eles se apropriariam do conteúdo. No que diz respeito à metodologia, a proposta inicial foi adaptada ao longo do percurso, a partir do contato com os participantes, suas necessidades e talentos.

Logo percebemos os “talentos especiais” desse outro. Se em uma sala de aula com pessoas sem deficiência, os alunos às vezes demoram vários dias para guardar o nome dos professores, bastou dizer nossos nomes uma única vez. Desde então, ao ouvir o som das nossas vozes, Gleice ou Raimundo já nos cumprimentavam pelo nosso nome, qualquer um dos quatro educadores. A

atenção que todos dedicavam às nossas falas ou ao material sonoro apresentado - radionovela, programas humorísticos, campanhas educativas ou um programa jornalístico - também era gratificante.

Interessante destacar também como eles resignificavam sons presentes no nosso cotidiano. Assim, no Louco Percurso Sonoro da Lucidez, o ruído de uma sirene ou mesmo de um motor de geladeira se tornavam sons opressores ao serem re-interpretados por aqueles com transtorno mental. Ou até mesmo letras de hinos que memorizamos desde pequenos, ganham novos sentidos sob a interpretação de Itamar.

No final dos encontros, já com todos os trabalhos editados pelos bolsistas, nos reunimos para escutar as produções sonoras e para uma breve avaliação por parte deles da oficina. Em todos os trabalhos, em maior ou menor grau, podemos notar que elementos da oficina foram bem interiorizados e assimilados por eles, uma vez que todos buscaram utilizar da forma que julgaram mais interessante os elementos sonoros apresentados, a fim de sugerir sentidos diversos, muitas vezes para contar as suas próprias vivências ou formas próprias de apreender o mundo. Ou formas de lidar com o outro, como nos sugere o programa de Raimundo e Gleice. Ao final dessa experiência intersubjetiva, nos cabe pensar na célebre frase de Sartre “*l'enfer sont les autres*”? Quem sabe, poderíamos dizer sobre os outros que, ao invés do inferno proposto por Sartre, os outros são mundos diversos por descobrir?



Referências bibliográficas

RICHARD, Lionel. *De la radio et de l'écriture radiophonique*. In: Sêmen, 02. *De Saussure aux media*, 1985 . p.2-17.

SARTRE, Jean-Paul. *Entre quatro paredes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

WEBRADIO SITRAEMG. Disponível em < <http://www.sitraemg.org.br/main/pagina/21/radio-do-sitraemg/> > Acesso em 31 mai.2013

Notas

¹ Expressão utilizada de forma recorrente por um dos participantes com transtorno mental com o significado aproximado de “tudo joia” ou “tudo ótimo”.

² Trabalho apresentado na modalidade Relato de Experiência na IV Conferência Sul-Americana e IX Conferência Brasileira de Mídia Cidadã.

³ tradução livre nossa.

⁴ Instituição educacional sem fins lucrativos fundada em 1926 em Belo Horizonte que atende deficientes visuais.

⁵ A webradio SITRAEMG transmite de segunda à sábado programas com conteúdos diversos via streaming de 9h às 22hs. Disponível em < <http://www.sitraemg.org.br/main/pagina/21/radio-do-sitraemg/>> Acesso em 31 mai.2013.

⁶ “O inferno são os outros”. Tradução livre nossa.